

**Arte
Visual
ensino**

em REVISTA

AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM


Professor Dr. A. Camargo

v. 1, n. 1. 2019

HISTÓRIA DA ARTE

Da pré-história ao século XIII

Curso de Artes Visuais

Faculdade de Artes, Letras e Comunicação

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Av. Costa e Silva s/nº, Bairro Universitário - Unidade 8 - CEP 79079-900 – Campo Grande /MS

Edição e Publicação Prof. Dr. Isaac A. Camargo

ARTE VISUAL ENSINO
é uma publicação eletrônica mensal de Divulgação Didático/Pedagógica, destinada a veicular material de apoio ao conteúdo das disciplinas de História da Arte do Curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

É publicada em plataforma digital e repositório de textos para difusão de conteúdos referentes às disciplinas de História da Arte da pré-história à contemporaneidade. Contém a memória das disciplinas, suplementação e aprofundamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Aberta e disponível na rede mundial de computadores desde 2009.

ÍNDICE

1. Considerações necessárias sobre Arte e História.

2. Pensando Teorias e Métodos de abordagem para desvendar os comportamentos da Arte Visual na pré-história.

3. As descobertas da Arte na pré-história

3.1. Altamira.

3.2. Lascaux.

3.3. Chauvet.

3.4. Serra da Capivara.

4. Neolítico: Ocupação do espaço e transformação dos materiais.

4.1. Monumentos Megalíticos.

4.2. A Cerâmica.

Bibliografia

*1. Considerações
necessárias sobre Arte e
História*



Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam devemos fazer algumas considerações à respeito delas, neste caso em especial, a História, uma das teorias que recorre à memória do passado. Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação que explora o conhecimento sobre a humanidade no tempo e no espaço.

Portanto, todas as manifestações capazes de serem abordadas como “fontes”, ou seja, testemunhos de ocorrências humanas em quaisquer períodos, podem se tornar objetos de estudo quer seja da história propriamente dita ou de suas auxiliares como a arqueologia, sociologia, antropologia e demais “logias” com as quais ela dialoga e convive.

Contudo, a História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas a tentativa de conhecer seus sentidos, significados. Uma manifestação artística não é menos importante do que outras como as científicas ou filosóficas, que contribuem para aumentar a capacidade de conhecimento sobre o ser humano e o mundo que o cerca.

Tudo que se diferencia da Natureza é Cultura, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais que realizamos ou produzimos, diz respeito ao conhecimento como um todo. Tudo é *significante* e produz *significado*.





Neste sentido a abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às manifestações de caráter estético que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo. Essas manifestações de caráter estético/visuais são chamadas de Escolas ou Estilos.

Tais manifestações incluem, além das grafias, incisões, desenhos, pinturas e esculturas, também os monumentos, constituídos pelas ordenações construtivas desde as cavernas passando pelos aparatos megalíticos, túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências em que ocorreram as interações visuais ao longo do tempo.



Outra questão relevante é marcar um percurso para observar a história. Nesse caso o percurso recorrente é o temporal, ou cronológico. Os estudiosos delimitam marcos por meio dos acontecimentos relevantes da humanidade num dado local ou período tomando-os como pontos de referência e, a partir daí, os recobriram de teorias, conceitos, leituras e interpretações.

Isso deu origem à Linha do Tempo que a historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” introduziu no século XIX por Augusto Comte, orientando boa parte dos estudos científicos a partir dali. É isso que usamos como referência para organizar nosso percurso em História da Arte. Assim temos inicialmente dois momentos: um primevo, ou seja, Pré-histórico e outro posterior: Histórico.

Durante muito tempo o hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como anteriores à História, chamado de período Pré-histórico, se justificava por considerar que o marco inicial da História seria o surgimento da Escrita, cujos documentos garantiriam a memória dos eventos do passado, ela seria então as *fontes primárias* para os estudos historiográficos.

O interesse pelos vestígios materiais de antigas civilizações foi reforçado e expandido a partir dos séculos XV e XVI, no chamado Renascimento Italiano período no qual muitas coleções de objetos do passado passaram a ser valorizadas. Entretanto o grande marco da pesquisa sobre o passado veio da iniciativa de Napoleão Bonaparte, quando de sua atuação no Egito, a partir de 1789.

Os pesquisadores franceses, em torno de 175 pessoas, publicaram em 1809 o livro ilustrado “Descrição do Egito”, no qual relatavam os conhecimentos obtidos por meio de suas pesquisas de caráter arqueológico. Mas apenas em 1822 é que Jean-François Champollion consegue decifrar os hieróglifos egípcios contidos na Pedra de Roseta.

Portanto, a descoberta de documentos escritos inaugura a História propriamente dita, a partir da Antiguidade ou História Antiga, se torna então o segundo estágio dos conhecimentos sobre a cronologia humana, sendo a Pré-história o primeiro. A terceira fase passa a ser o período que sucede o Antigo o Medieval que antecede o Moderno e depois o Contemporâneo.

Os marcos históricos servem para recortar ou delimitar o conjunto de ocorrências que a humanidade realizou. Caso contrário poderia ser difícil encontrar fatores de convergência ou relevância que explicassem ou justificassem um determinado período num certo contexto geográfico ou social.

Entretanto, nem sempre precisamos usar a temporalidade como referência para os estudos da História, podemos definir outras categorias para selecionar ou agrupar ocorrências que possam nos auxiliar a entender melhor o pensamento ou desenvolvimento humano.

Assim, a lógica temporal pode ser substituída pela lógica social, econômica, conceitual etc.

Na medida em que substituímos a lógica temporal, entram outras teorias como a Antropologia, Arqueologia, Sociologia, Etnografia, Psicologia, entre outras tantas possibilidades de olhar para o ser humano no seu tempo e conseguir compreender seus comportamentos e condutas.

Há uma expectativa de que ao olhar para todas estas ciências humanas, é possível prever comportamentos ou condutas que já ocorreram em outros tempos. Há uma certa coerência nisso, entretanto, esta coerência não é uma lei ou uma regra absoluta como nas ciências mais duras, nas ciências humanas há o “comportamento” que nem sempre é previsível.

Dito isto, podemos tentar destacar neste momento alguns fatores que contribuem para nosso entendimento do que a Arte Visual tem sido para a humanidade ao longo da trajetória que tem se manifestado ao longo do tempo.

Diferentes teorias podem ser elaboradas a partir daí, só dependem do conhecimento e da habilidade de seus estudiosos ou cientistas.



*2. Pensando Teorias e
Métodos de abordagem
para desvendar os
comportamentos da Arte
Visual na pré-história.*



Uma das preocupações que sempre marcou o pensamento sobre a Arte Visual é justificar ou explicar a ocorrência de manifestações artísticas desde os primeiros tempos da humanidade.

Uma das primeiras questões que podem nos confrontar é o entendimento do que é Arte para uma cultura ou outra, pois nem sempre ela é entendida do mesmo modo.

Até o século XIX há uma concepção generalizada de que a Arte se realizava mediante o desenvolvimento de um processo evolutivo, ou seja, de um momento mais precário, simples e rústico para um sistema mais elaborado, lógico e consistente a partir do domínio de habilidades motoras.

Considerando o percurso que a arte desenvolveu da Antiguidade até o período Moderno, parecia ser isto mesmo.

Entretanto a descoberta da primeira caverna com imagens produzidas pelo ser humano em período não histórico ou seja, pré-histórico, coloca em xeque, a concepção de que havia uma “evolução” da Arte da mais simples para a mais complexa ao considerar que as manifestações daquela época também eram complexas e muito elaboradas, embora menos realistas e mais simbólicas.

Neste sentido é necessário admitir que o ser humano na pré-história estava muito bem aparelhado intelectualmente para a realizar imagens com a mesma habilidade dos artistas contemporâneos.

O que varia, enfim, são as necessidades e funções que motivam a produção artística num e noutro momento e não a capacidade ou habilidade humana requerida na sua produção.

A pesquisa *sobre Arte Visual* compreende os estudos que se dedicam também a compreender as motivações do ser humano a produzir imagens e, por consequência, Arte. Nesta área várias abordagens teóricas são utilizadas desde as mais tradicionais como a História e a Sociologia até as mais atuais como a Semiótica. Este campo é um dos mais importantes para o entendimento da Arte.

Se olharmos para o passado os primeiros estudos dedicados a este campo vem da Filosofia, os gregos já se dedicavam a discussão sobre Arte em busca das explicações e compreensão deste fenômeno social. Os filósofos medievais também dedicaram textos às justificativas e explicações relacionadas a este campo. Até hoje essa preocupação é mantida na cultura contemporânea.

Pode-se dizer que é no Renascimento que surge a pesquisa destinada ao conhecimento das manifestações artísticas e é Filippo Villani (1325-1407) em seu trabalho: *Libri de origine civilitatis Florentiae et eiusden famosis civibus*, 1404. Neste livro ele cita alguns pintores que são referência para sua época.

O segundo autor a dedicar sua pesquisa à Arte é Leon Batista Alberti (1404-1472), Publica os livros: *Da Estatuária; Da Pintura e Da Arquitetura* de 1440 a 1485.

O terceiro é Giorgio Vasari (1511-1574), que escreve em 1550 o livro: *Le vite de piu eccellenti pittori, scultori e architettori*, no qual cita os mais importantes artistas de Florença na época.

Outros autores se preocuparam também em escrever sobre Arte como Lorenzo Ghiberti (1378-1455) ou Antonio di Tuccio Manetti (1423-1497) ao qual é atribuída a primeira obra dedicada a um só artista: Filippo Brunelleschi (1377-1446).

As abordagens embora biográficas fazem referência às obras e suas técnicas mas, em geral, se preocupam em enaltecer as personalidades de sua época.

Mesmo não sendo obras metodologicamente bem estruturadas, são as primeiras abordagens, logo, temos que render homenagens aos esses autores que, apesar das dificuldades técnicas e editoriais, se dispuseram a nos apresentar dados sobre a produção artística de seu tempo.

Durante os séculos subsequentes, os autores historiadores e mesmo críticos, propuseram novas abordagens sobre a Arte, ora discutindo a biografia, ora olhando para as obras. De um modo ou de outro, desde o nascimento das primeiras imagens as teorias da Arte as acompanharam e desenvolveram muitas abordagens.

Pode-se considerar que uma grande reviravolta acontece no momento em que são descobertas as imagens da pré-história no século XIX.

A caverna de *Altamira*, na Espanha, foi descoberta em 1868. Em 1940 a caverna de Lascaux na França é descoberta.

Assim, num curto período de tempo, é necessário repensar o contexto das imagens e da Arte.

Diferentes teorias marcaram o percurso dos estudos sobre a Arte, recorrendo a Argan e Fagiolo vamos manter a ideia de que a Arte parte de uma relação intrínseca entre *Significante* (sua manifestação perceptível) e *Significado* (sua essência cultural, conceitual ou simbólica)

Segundo eles os métodos mais comuns adotados na contemporaneidade são: o Formalista, o Sociológico, o Iconológico e Semiológico ou Estruturalista. Estas perspectivas de abordagem revelam alguns modos ou condutas que os estudiosos e cientista usam para observar e analisar as manifestações artísticas é uma questão de escolha e abordagem cujo fim é estabelecer uma orientação coerente, um método e um percurso de estudo.

O método Formalista parte da ideia da “Pura Visualidade” proposto por Konrad Fiedler no qual o mais importante é identificar a configuração formal do significante, ou seja, parte da imagem e suas características, a partir daí, desenvolvem a análise para descobrir seu significado por meio da luz, da cor, espaço, organização compositiva entre outros indicadores formais.

O método Sociológico, cuja origem encontra-se em Hypolite Taine, pai do Determinismo, defende o comportamento humano baseado em três fatores: meio, raça e o momento histórico. Por meio destes fatores busca encontrar os elementos que surgem numa sociedade e se revelam por meio das Obras de Arte daquele período, dando Significado àqueles Significantes.

O método Iconológico, proposto por Aby Warburg parte do pressuposto básico é que há componentes simbólicos e culturais inerentes às imagens que o ser humano cria, ou seja, a partir de seus significantes estruturais, temáticos e seus assuntos é que se revelam os significados.

O método Estruturalista ou Semiótico, tem origem nos estudos do linguista Ferdinand de Saussure e é depois aprofundado por Algirdas Julien Greimas. Parte do pressuposto de que os significantes condensam/codificam valores presentes no contexto social e que podem ser decodificados por meio de abordagens que identificam tais sinais ou signos que, por meio das manifestações imagéticas, geram sentidos ou significações passíveis de interações.

Há outros métodos de abordagem úteis aos estudos *sobre* arte, mas como dissemos é uma questão de escolha pessoal ou conceitual. Assim um estudioso adota uma linha que lhe serve de percurso para identificar e desenvolver o seu projeto de pesquisa dentro ou fora do ambiente acadêmico.

Um primeiro recorte que nos permitimos é procurar entender as primeiras manifestações artísticas como autônomas e espontâneas, humanas por natureza e, nesse sentido, independentes das demandas e suprimentos de “mercado” ou “poder” que tem caracterizado a Arte desde a Antiguidade. Obviamente é uma ilusão ou utopia acreditar que o mundo da Arte pode ficar livre do mundo econômico, mas vale a esperança.

Salomon Reinach, em fins do século XIX, desenvolve a hipótese de que a Arte na pré-história tinha caráter ritual/religiosos e obedecia o que chamou da Magia Simpática ou propiciatória. Sugeriu que a motivação para produzir imagens dos seres humanos na pré-história era a necessidade de sobrevivência. Boa parte da alimentação naquele período dependia da caça, já que a coleta de vegetais era limitada a certos períodos do ano.

Portanto, ter sucesso nas caçadas era uma questão prioritária para sua sobrevivência, logo, não poderia deixar isto ao acaso, precisava exercer algum poder sobre isto. A solução encontrada pode ter sido a de reproduzir nas superfícies das cavernas as figuras de animais dos quais dependia. Acreditava então que dominar a imagem do animal anteciparia o sucesso da caçada.



Rinocerontes desenhados na Caverna de Chauvet, na França há 30.000 anos atrás.



Algumas imagens de animais apresentam marcas que sugerem ataques com instrumentos, armas ou qualquer outro recurso de agressão. Tal comportamento aumenta a crença de que o objetivo dessas representações fosse mesmo para propiciar a caça.

Há outras figuras de períodos semelhantes, um exemplo são pequenas esculturas de figuras femininas realizadas em pedra, madeira ou ossos.

Tais figuras são atribuídas a rituais de fertilidade, ou seja, cultuar a mulher com o fim de propiciar a reprodução da espécie.

Essas imagens foram chamadas, anacronicamente, de Vênus, a exemplo das Vênus gregas, que já eram conhecidas no século XIX.

De qualquer modo, não se sabe quem produzia tais imagens, se foram os homens ou as mulheres, tampouco se eram decorativas ou votivas.



As chamadas “Vênus” pré-históricas fazem parte de cultos de fertilidade nos quais o corpo feminino é entendido como algo mágico por ser capaz de gerar a vida.





Em vários lugares e momentos estas figuras são criadas e recriadas com o fim de servir de culto à fertilidade.

Se for considerada a possibilidade de exercer o poder sobre o mundo por meio de imagens, é possível recorrer ao Voodoo, uma prática ritual que usa bonecos de figuras humanas aos quais são aplicadas punções com o fim de atingir a pessoa representada, é isso a Magia Simpática. Outra leitura deste tipo pode ser feita quando prognosticamos resultados de jogos de azar, como as loterias.

Ações de destruir imagens é comum em vários cultos. Costumes ou hábitos como a Malhação de Judas que ocorria no período da Paixão de Cristo. A quebra das estátuas e representação de líderes políticos quando perdem o poder também se referem a isso. Gombrich, fala disso ao tocar na questão das fotografias que destruimos em momentos de raiva ou ciúmes. As imagens nos parecem mágicas...



Voodoo New Orleans, EEUU



Se tivermos dúvidas em relação ao poder que a imagem ainda exerce em nossas vidas, basta recorrer a um exemplo banal que Gombrich usou, obviamente alterando um pouco o seu contexto. No seu livro História da Arte, no capítulo Estranhos começos, ele pergunta se teríamos coragem de tomar uma imagem de alguém que gostamos e furar os olhos da imagem sem qualquer constrangimento ou arrependimento?

Provavelmente não! O que nos incomoda é o fato de que se o que fizéssemos algo sobre a imagem de alguém isto faria com que a pessoa sofresse os efeitos no mundo natural. Só para reforçar, quando namorados brigam, é comum rasgarem suas fotos como modo de provocar algum desconforto ao outro ou simplesmente desforrar o despeito ou raiva que sente: pura magia!

Portanto, não somos tão indiferentes assim em relação às imagens. Embora não queiramos admitir o poder que elas exercem sobre nós ou que impomos a elas.

É comum o usos de imagens em publicidade e, normalmente, aquelas que valorizam os produtos que querem nos convencer a adquirir: um poder simbólico.

Usar a imagem para estimular o desejo, criar ou suprir necessidades é um recurso tão antigo quanto a própria Arte.

Voltando a ideia de que as manifestações primevas, não estavam relacionadas a nenhuma outra motivação que não as de sobrevivência, pode-se dizer que aquele período foi o mais espontâneo e sincero, um dos momentos da história no qual o ser humano estava menos exposto às pressões sociais. O próprio conceito de sociedade já é por si só impreciso para aquele tempo.

É importante dizer que as pressões exercidas sobre ele não demandavam de nenhum tipo de poder humano ou pelo simples prazer de criar, as imagens eram decorrentes de suas necessidades básicas.



3. As descobertas da Arte na pré-história.

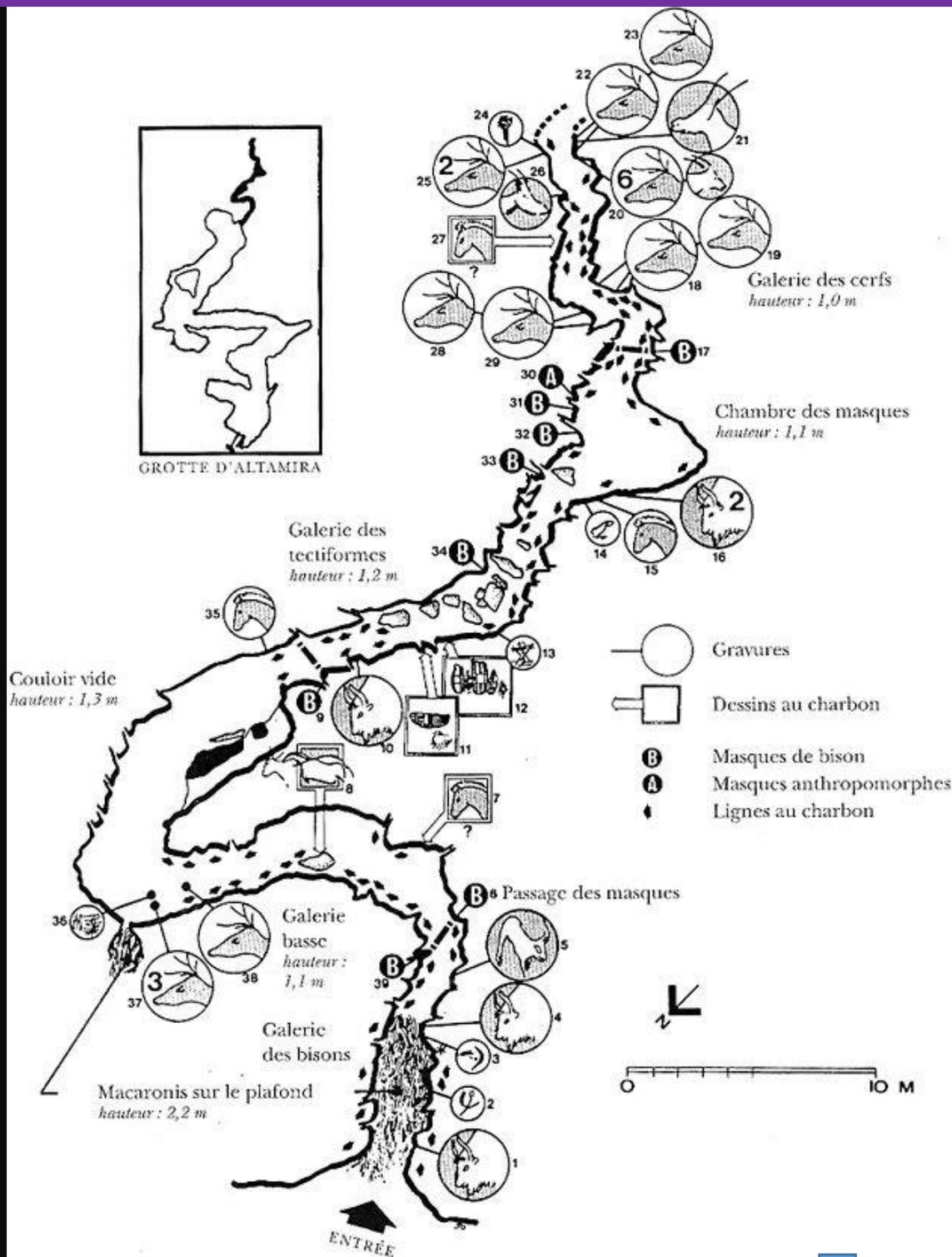


O primeiro sítio pré-histórico encontrado foi o da Caverna de Altamira, na Espanha, descoberta em 1868 por Modesto Cubillas, é datada do Paleolítico Superior, cerca de 36.000 anos atrás.

O segundo foi o da Caverna de Lascaux na França, descoberta em setembro de 1940, por Marcel Ravidat. Também do Paleolítico, mas mais recente, aproximadamente tem cerca de 17.000 anos.

Espanha e França possuem diversas cavernas nas quais são encontrados manifestações pré-históricas de diferentes períodos. Não só lá como em diversas outras regiões do globo muitos vestígios de culturas primevas revelam a capacidade de imaginar do ser humano desde as mais antigas eras.

3.1. Altamira.





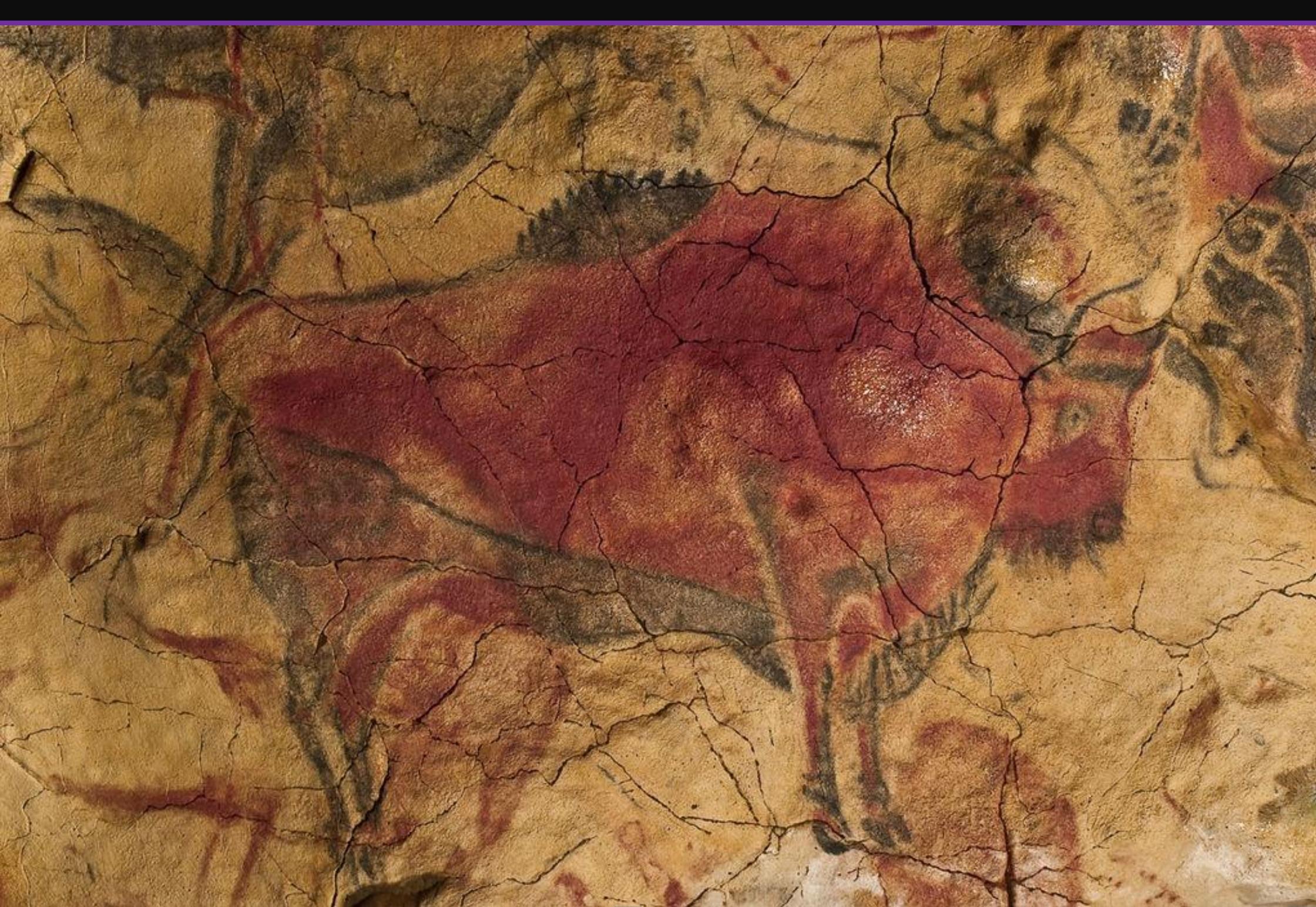
Grande salão de policromos de Altamira, publicado por M. Sanz de Sautuola em 1880.





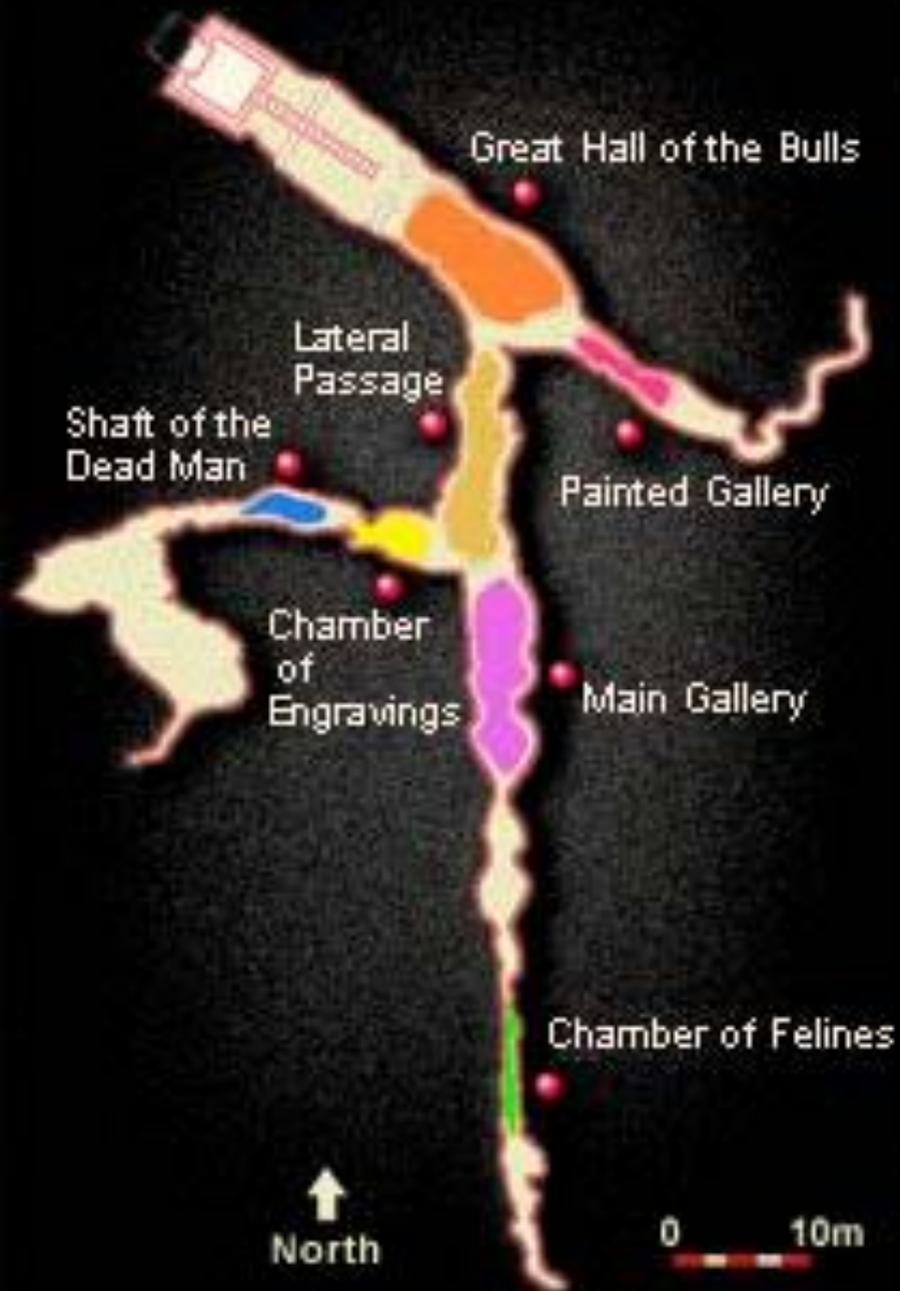




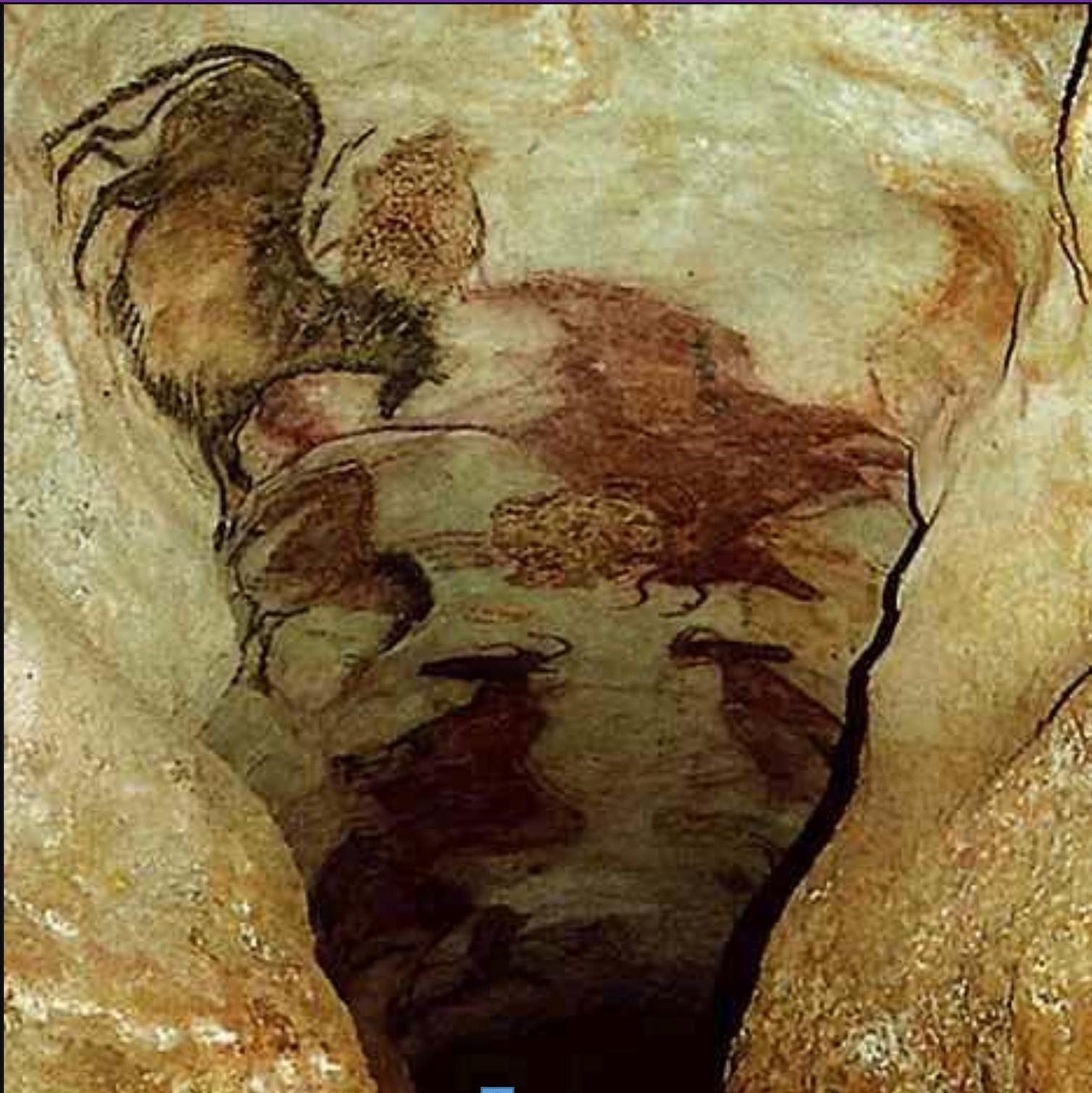




3.2.Lascaux.















Em Lascaux encontra-se também uma das primeiras imagens que relata/descreve um evento em que o ser humano é vitimado, provavelmente, numa caçada.









3.3. Chauvet



Em 1994 é descoberta a caverna de Chauvet na França por Jean-Marie Chauvet. Datada entre 50.000 e 20.000 anos

Várias outras cavernas são descobertas na Europa e em outras regiões do globo, embora as mais conhecidas continue sendo estas três.

Pode ser imaginado o impacto que tal descoberta causou nos estudos sobre Arte retrocedendo milhares de anos.

Até o século XIX supunha-se que as manifestações artísticas partiam da antiguidade, mas não de 30.000 anos antes. Nesta situação, tanto os arqueólogos quanto os historiadores colocam em dúvida se eram verdadeiras as obras ou falsificações. Isto perdura por um bom tempo, até que estudos mais profundos e testes químicos comprovam sua autenticidade.

Na caverna de Chauvet foram encontrados também um casal de bisões modelados em argila, hoje tornada rocha.

A capacidade de observação e a habilidade de realização de imagens em três dimensões revelam o seu domínio cognitivo.

Algumas impressões de pegadas que marcaram a presença de crianças no local na caverna também na caverna de Chauvet. A argila registra imagens impressas dos pés de pessoas mostram que estes espaços eram frequentados por elas.







Quanto à questão de “estilo”, há mais de uma tendência revelada nas paredes das cavernas. Embora haja certas semelhantes, as obras de um grupo e de outro são diferenciadas, inclusive quanto à escolha dos objetos de criação, à temática, ao assunto e o modo de construí-los.

É de se supor que vários grupos ocuparam os mesmo espaços, mesmo que em períodos diferentes, considerando que poderiam ser usados como abrigos para os tempos mais frios.



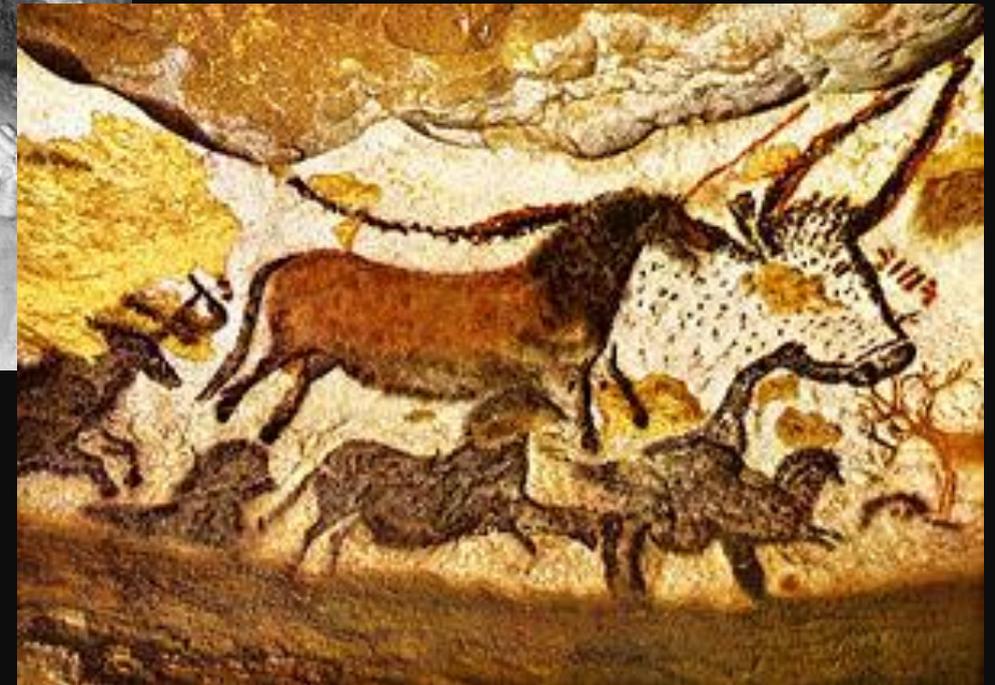
SIGNES BISON AUBOCHS CHEVAL BOUQUETIN RENNE MAMMOUTH CERF RHINOCEROS

A								
B								
1								
2								
3								
C								
1								
2								
D								
1								
2								

É durante o século XX que as hipóteses sobre a Arte Pré-histórica passam a ser discutidas e confrontadas com as referências históricas quanto antropológicas e conquistar razoabilidade para as teorias elaboradas para explicá-la.

O mais importante é aceitar que as manifestações artísticas ocorrem desde tempos imemoriais e, principalmente, admitir que é uma condição humana inerente à sua identidade e não apenas uma questão de desenvolvimento técnico ou habilidade artesanal.

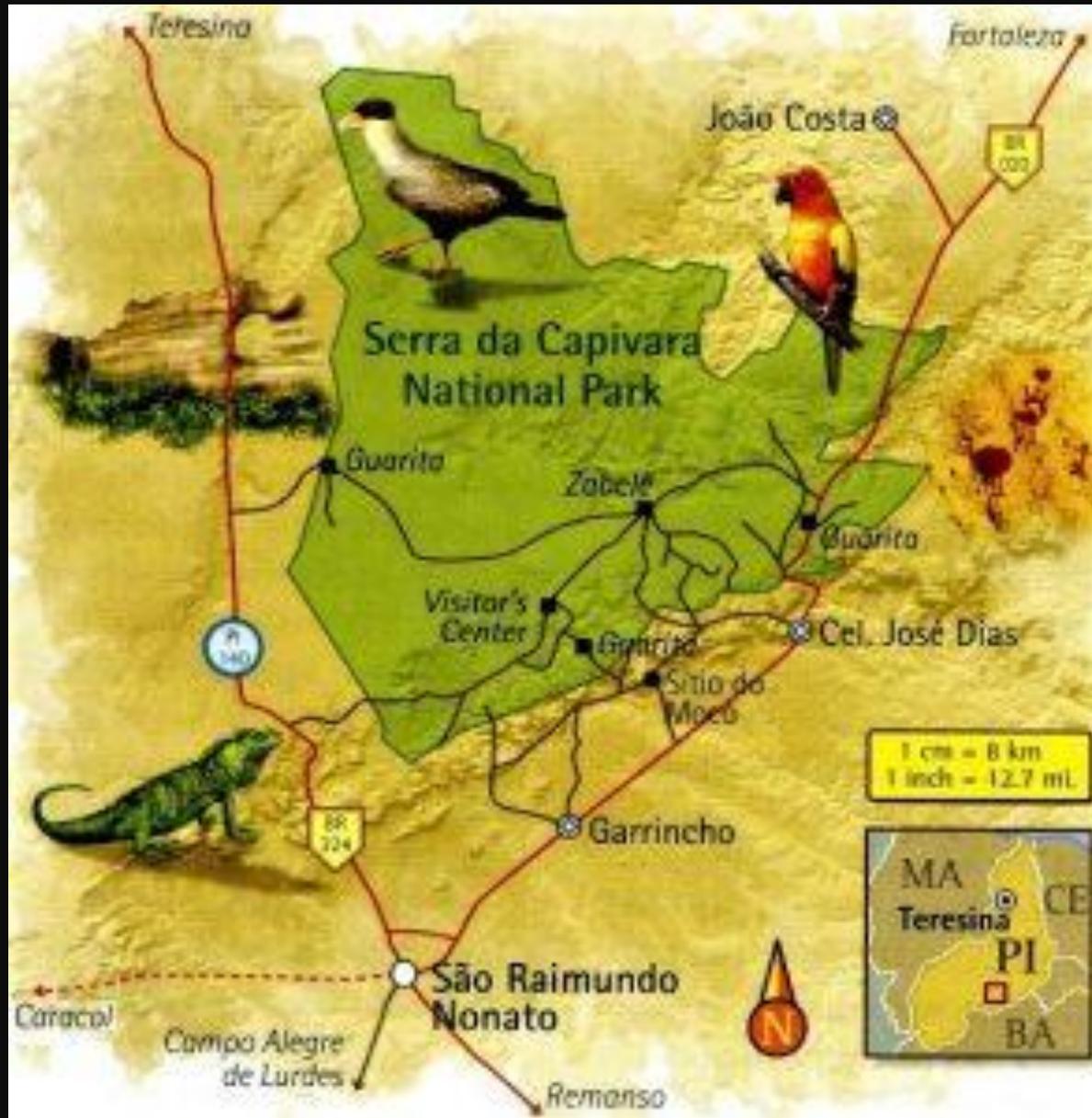




O Abade Henri Breuil em visita à caverna de Lascaux, um dos primeiros estudiosos destas manifestações.



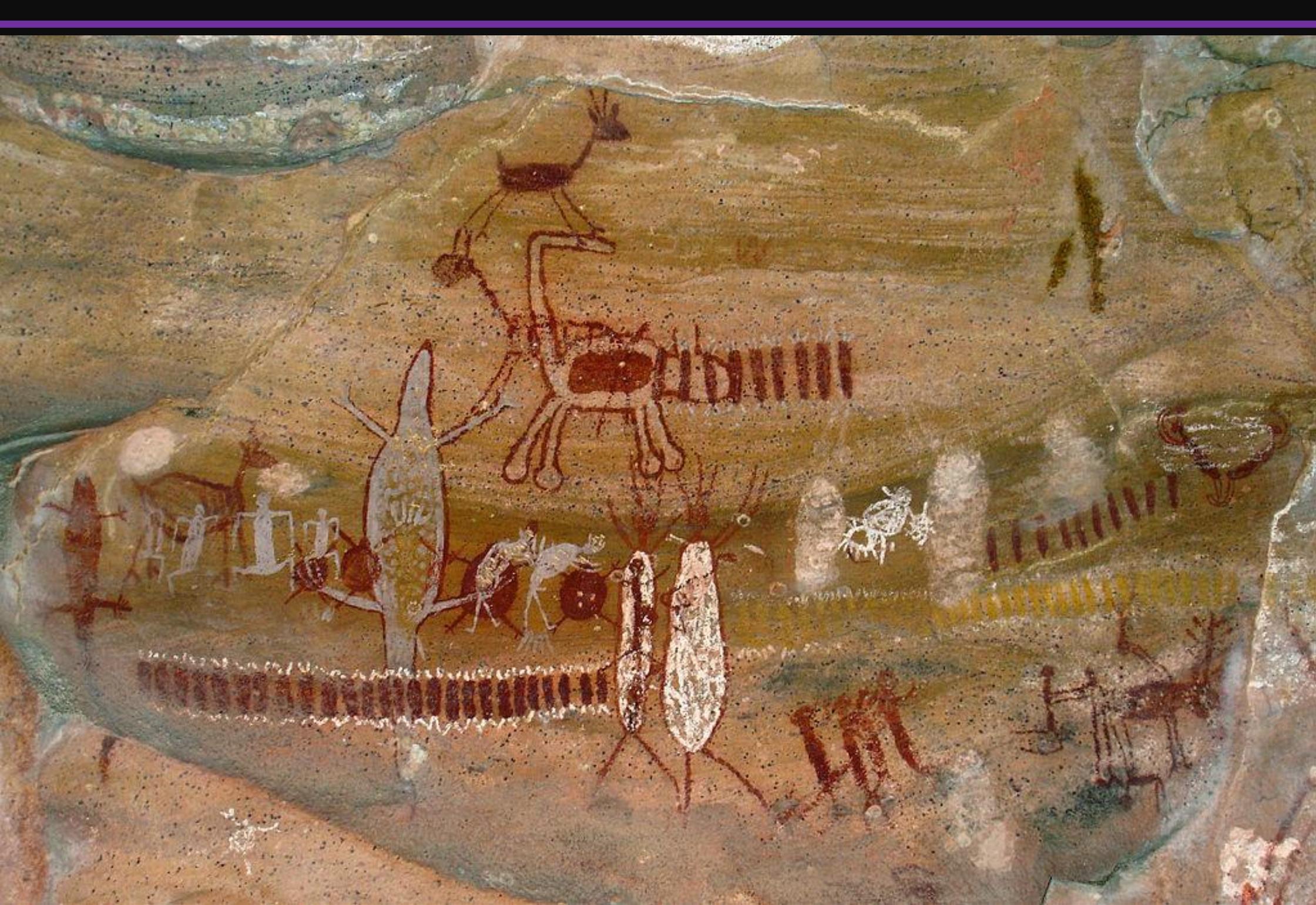
3.4. Serra da Capivara.



Em todo o mundo e na América Latina há várias manifestações do período pré-histórico, mais remotas ou mais recentes. No Brasil o principal sítio arqueológico é o da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, no estado do Piauí.

As manifestações atuais remontam ao período Paleolítico, é um dos maiores conjuntos pictóricos do mundo.















***4. Neolítico: Ocupação do
espaço e transformação
dos materiais.***



É chamado de Idade Neolítica ou da Pedra Polida o período que vai de 10.000 a.C até aproximadamente 3.000 a.C.

Neste período surgem as primeiras civilizações localizadas em regiões do globo como no Crescente Fertil, no Oriente, na África e na Europa.

A ocupação do espaço e a transformação de materiais como da argila para a cerâmica caracteriza este período.



Ocupar um espaço significa definir um lugar, estabelecer um perímetro de domínio capaz de manter unido o grupo, seja um clã, tribo ou aldeia.

As cavernas cumpriram a função de abrigos temporários no deslocamento dos grupos nômades. Mas a necessidade de permanecer mais tempo num lugar os leva a delimitar um espaço.

Aos poucos deixam de ser nômades para serem sedentários.

Permanecer num lugar significa também definir um modo de ocupação como o plantio e o pastoreio e marcar, identificar este lugar também é necessário.

Os primeiros marcos territoriais conhecidos da pré-história são os Menires.

Encontrar um lugar com pedras é um primeiro passo, organizá-las, dar-lhes um sentido é o segundo.

Alterar, transformar, marcar o contexto é uma primeira função em seguida vêm outras, até a edificação, a arquitetura.



4.1. Monumentos Megalíticos.



Um Menir é um Megalito, ou seja, uma grande pedra ou pedra longa. Normalmente é uma peça grande e alongada fixada verticalmente no solo.

Podem ser fixados em unidades, em linha ou em círculo, triângulos ou retângulos que passam a serem chamados de Cromesleques.

Há muitos lugares no mundo todo onde tais construções são encontradas realizadas pelos diferentes grupos humanos que por ele passaram ou permaneceram.

Supõe-se que cumpriam funções rituais de fertilidade e/ou astronômicas marcando datas para início de plantio e de colheita.





Almendres, Évora, Portugal





Em triângulo.



Em Linha



Em grupo.





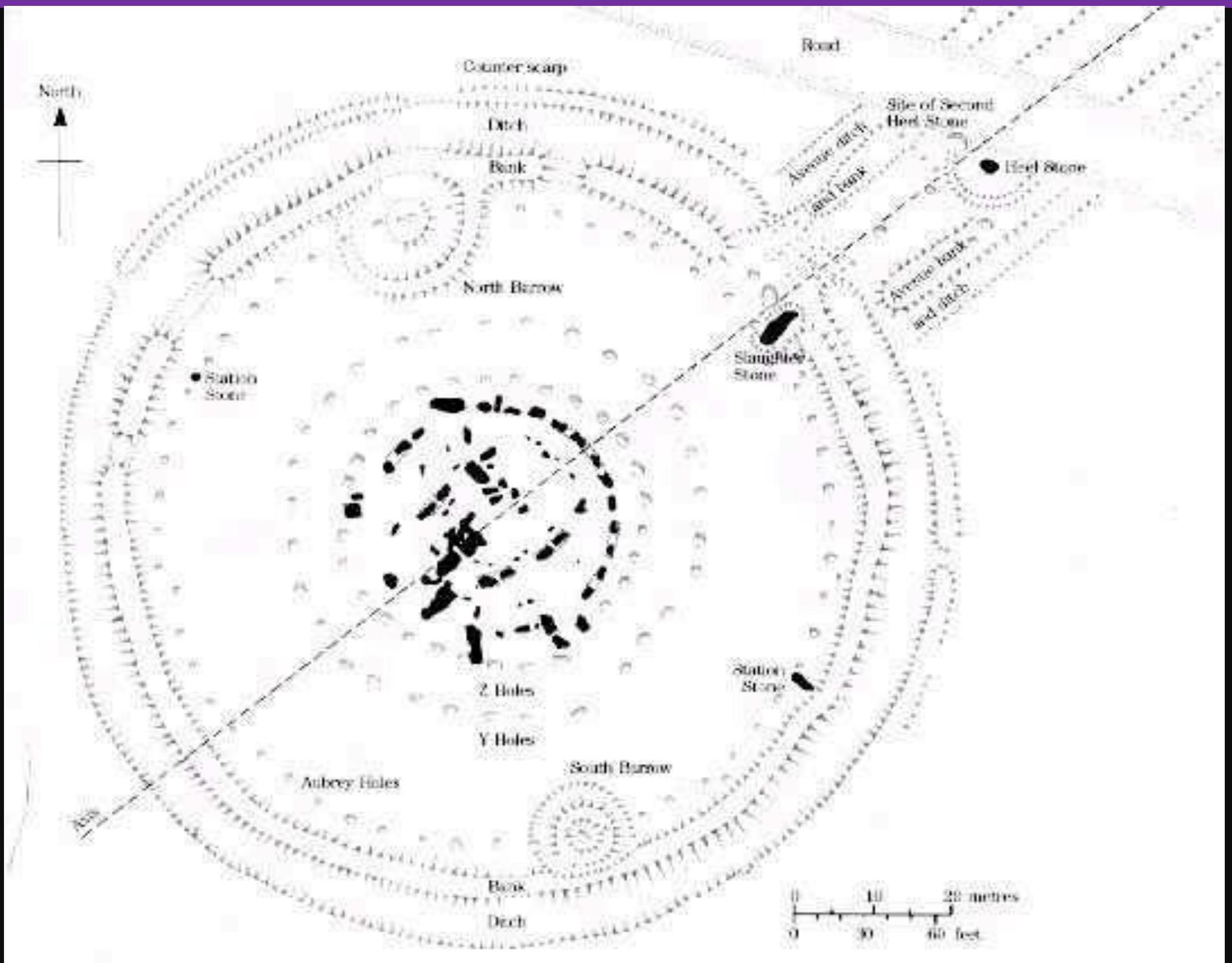
Em Circulo, Cromeleque de Xarez Stone, Portugal.





O Cromeleque mais famoso é o de Stonehenge, se encontra na Inglaterra, em Durrington Walls, perto de Salisbury. É o mais famoso.







Menir na Praia de
Coqueiros, Florianópolis,
SC.





Menires na Praia de Coqueiros, Florianópolis, SC.



Em Stonehenge, vemos as pedras suspensas suportadas em bases como entablamentos.

O segundo tipo de construção megalítica é chamado de Dólmenes ou Antas.

São conjunto de dois menires, três ou mais que assumem a condição de colunas e sustentam uma base suspensa.

São considerados como Altares de sacrifício ou Túmulos



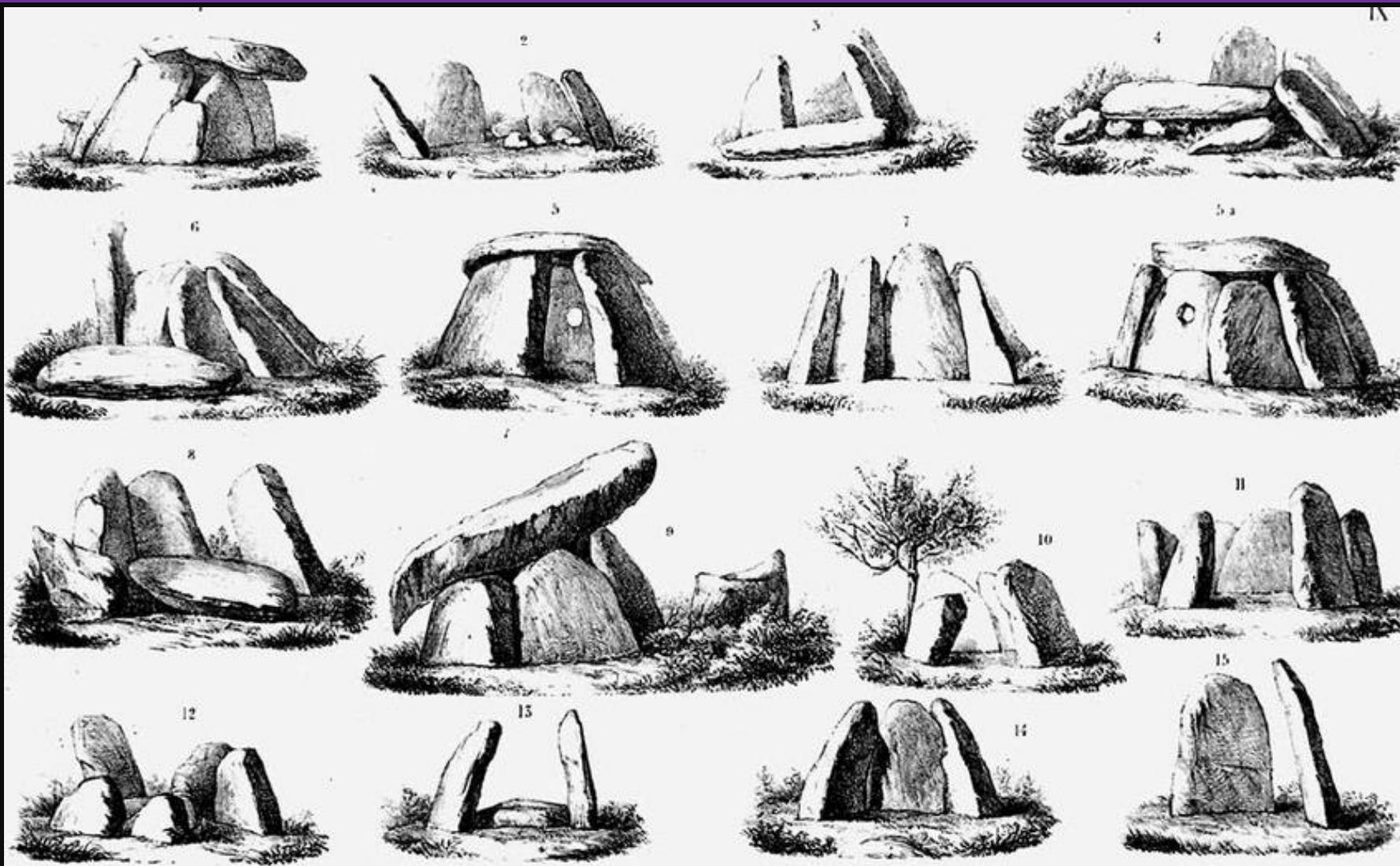
Anta Grande do Zambujeiro, em Portugal.



Túmulo megalítico em
Corgas de Matança, Fornos
de Algodres, Portugal.



Poulnabrone Dolmen,
County Clare, Irlanda.



Os registros são importantes para o contexto da História da Arte, estas Litografias reproduzindo vistas de antas desenhadas a por Pereira da Costa antes da extinção da Comissão Geológica de Portugal em 1868, as preservam.

4.2. A Cerâmica



O domínio do fogo promove, conseqüentemente, a transformação de alguns materiais. Inicialmente a transformação da Argila em Cerâmica facilitou o surgimento de objetos para armazenamento de grãos, de água e também para acomodar os mortos...

A cerâmica surge no Neolítico, por volta de 24.000 a.C. a partir da queima da argila que lhe confere resistência e impermeabilidade e é chamada de Terracota.

Além do caráter utilitário na confecção de containers, tijolos e revestimento também atendeu aos interesses da Arte.



Os containers, potes para armazenamento de coisas, é resultado do domínio da modelagem da argila e do fogo.





As peças também apresentam ornamentação como texturas, incisões abstratas, cores e outros modos de personalizar.





Fazem cultos aos antepassados, aos mortos e usam urnas funerárias em argila para enterrá-los.



No Período Neolítico surgem as primeiras grandes civilizações do Oriente Médio, do Mar Egeu, na África, Grécia e Roma.

As manifestações artísticas vão se tornando mais especializadas e requintadas.

Os indivíduos que dominavam habilidades manuais para criar imagens eram convocados para exercê-las em prol do poder instituído.

tais imagens, enaltecem e valorizam o poder relatando ou reforçando as ações dos mandatários. Dos dominadores ou governantes que as usam como estratégias discursivas para propaganda e manutenção do poder.

A Arte sai das paredes das cavernas para habitar os palácios, templos e túmulos da antiguidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- GOMBRICH, E.H. A História da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
JANSON, H. W. e A.F. Iniciação à História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BAUMGART, Fritz . Breve História Da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
CHASTEL, A. A arte italiana. SP: Martins Fontes, 1991.
DUCHER, Robert. Características dos estilos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
HAUSER, Arnold. História Social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982
HAUTECOEUR, Louis. Historia geral da arte. Sao Paulo: Difusao Europeia do Livro, 1963.
OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte. 2ª ed., São Paulo: 1968.
PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Editora Ática , 1996.
ROBERTSON, Martin. Uma breve historia da arte grega. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.